

## **R-Existência – Histórias De Quem Passa e Não Fica<sup>1</sup>**

Nasser PENA<sup>2</sup>

João JUNIOR<sup>3</sup>

Juliana EVANGELISTA<sup>4</sup>

Monica CAMPO<sup>5</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG

### **RESUMO**

O projeto “R-existência - Histórias de quem passa e não fica” é resultado do trabalho final da disciplina História Contemporânea dos Processos Comunicativos, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. O projeto teve como objetivo dar visibilidade a alguns indivíduos que são ignorados na sociedade por causa de seu trabalho, cor da pele e grupo sociotário a que pertencem. Seleccionamos uma fotografia que concentra toda a essência do projeto, foto essa, que busca retratar de forma sensível e artística as marcas de quem resiste diariamente à vida de homem idoso, negro e catador de materias recicláveis num contexto de preconceitos e invisibilização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Fotonarrativa; Invisibilidade social; Resistência.

### **1 INTRODUÇÃO**

Conforme a disciplina História Contemporânea dos Processos Comunicativos nos apresentava e incitava debates, sempre com um pano de fundo histórico, referentes às transformações dos processos comunicativos e a contemporaneidade, fomos delineando uma série de questões as quais estávamos envoltos, cotidianamente, em todas as nossas relações sociais. Uma das obras estudadas na disciplina e que foi importante no processo de concepção da fotografia foi a obra “A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa” de Nicolau Sevcenko que nos embasou quanto a formação de uma sociedade

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Fotografia Artística, modalidade avulsa.

<sup>2</sup> Nasser de Freitas Pena, aluno líder e estudante do 3º semestre do curso de Comunicação Social, e-mail: nasserferreira@hotmail.com

<sup>3</sup> João Reginaldo Silva Junior, estudante do 3º semestre do curso de Comunicação Social, e-mail: Joaojr@cs.ufu.br

<sup>4</sup> Juliana Izabel Evangelista, estudante do 3º semestre do curso de Comunicação Social, e-mail: juliana.izabels@hotmail.com

<sup>5</sup> Mônica Brincalpe Campo, Professora Doutora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: monicampo10@gmail.com

contemporânea em que os homens são cada vez mais autocentrados, individualistas e narcisistas.

Como atividade final da disciplina, nos propusemos a realizar um trabalho fotográfico artístico que retratasse a história de indivíduos que, geralmente, não têm suas histórias contadas. Eles são o oposto desse homem contemporâneo que Sevcenko pinta. São pobres, sujos, negros, trabalhadores braçais, são invisíveis num mundo de instantaneidade e superficialidade.

Essa superficialidade pode ser entendida como uma nova forma de relação do homem com o espaço, conforme visto em Flusser (2013), que enxerga nosso período como um momento de *hominização virtual*, em que a morada – por nós entendida, neste trabalho, como os espaços de interação do homem – é invadida pelo que ele chama de “ventos de informação”, diminuindo a importância do mundo material em prol de informações, softwares, etc. Partindo desse movimento, como explica Flusser, é que devemos entender as novas relações do homem com o universo tangível. Neste viés, observamos em “O Declínio do homem público” – obra de Richard Sennet (1999) – uma importante ferramenta de análise das relações do homem com o espaço, cada vez mais intimista e egoísta, ou em suas palavras “(...) sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada” (SENNET, 1999).

Esse contexto de cada vez maior artificialização da vida material e inchaço da vida digital que, por consequência, contribui para o processo de invisibilização social, nos atentou a respeito da necessidade de expor as histórias de indivíduos ignorados no convívio social. Entendemos que era importante incitar a percepção do outro, num contexto de individualismo, muitas vezes influenciado pelas tecnologias, como aponta Briggs e Burke (2004):

“À medida que novos serviços se tornam facilmente disponíveis, eles estão mudando a maneira como vivemos e trabalhamos, e alternando nossas percepções, crenças e instituições. É essencial entendermos esses efeitos para desenvolver nossos recursos eletrônicos em benefício da sociedade”. (BRIGGS e BURKE, p. 274, 2004).

Para dialogar com esse panorama, nosso produto se apresenta como um relato fotográfico de uma pessoa que, por muitas vezes foi invisível aos ambientes em que vivia. Um indivíduo que, até então, tinha apenas passado história, mas não passado sua história. Que não interessa a uma sociedade segmentada, mas que representa a resistência a esse universo de superficialidades.

## **2 OBJETIVO**

O trabalho teve como objetivo registrar uma fotografia que pudesse expressar de forma subjetiva e artística a invisibilidade de um indivíduo pobre, negro e idoso em uma sociedade que se encontra cada vez mais individualista e superficial.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A necessidade de mostrar o que está oculto faz parte do cotidiano do jornalista. Imbuído desse espírito, o projeto buscou transpassar, por meio da fotografia, a história que estava oculta. Uma história que carrega 78 anos de hostilização por conta da pobreza, da negritude e, nos últimos anos, da velhice. Queríamos entender e expor o motivo de como poderia alguém passar, ser notado, mas não ser visto.

O escritor português José Saramago (1995) nos advertiu a este tipo de fenômeno em seu alegórico “Ensaio Sobre a Cegueira”, em que a humanidade perde a visão, exceto por uma personagem de seu livro. No decorrer da trama, a personagem se torna cada vez mais atenta, percebendo que a cegueira já havia se instalado antes de a humanidade perde-la por completo. Portanto, como repará-la?

Este tipo de percepção altamente necessária na contemporaneidade, somada às leituras de autores como Sevcenko (1991), Flusser (2013), Sennet (1999) Briggs & Burke (2004) e das discussões que tivemos durante o curso nos fizeram escolher pela fotografia, não só por sua força impactante, mas também por podermos captar ângulos que poucas vezes são vistos por quem segue a vida em sua cegueira seletiva, em seu cotidiano displicente. Esses ângulos são de símbolos da resistência à essa superficialidade que ofusca.

## **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A fotografia foi capturada em plano detalhe com uma câmera Canon T3i equipada com uma objetiva 18-55mm. Com iluminação natural e sem produção, a escolha de realizar uma foto que oculta o rosto do personagem se deu para intensificar o sentimento de invisibilidade que é a essência do que o projeto deseja expor. A busca por uma composição

fotográfica simples, porém forte na mensagem que passa, foi um dos norteadores para guiar o processo.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de realização da fotografia se deu em meio a uma caminhada pelos arredores da universidade onde, por meio de observação atenta, procurávamos perceber alguém que possivelmente representaria um símbolo da resistência no espaço público, alguém que tivesse em seu corpo, suas vestimentas e suas expressões as marcas da invisibilidade social.

Após encontrarmos nossa personagem, o abordamos, explicando o nosso projeto e, em seguida, fazia uma pequena entrevista informal, guardando as informações por intermédio de gravação ou anotação enquanto fazíamos as fotos. Procuramos falar sobre as vivências da pessoa no espaço, a história de sua vida em geral e, conforme o assunto progredia, íamos aprofundando nos temas, chegando a assuntos como preconceito, respeito e sentimento de pertencimento.

O resultado foi uma fotografia que enquadra apenas os membros inferiores do personagem, sentado à porta de sua casa, também depósito de materiais recicláveis, com roupa suja e chinelos gastos, sem face, mas com uma história inteira de invisibilidade contada apenas por uma parte do seu corpo sentado, encolhido.

A proposta do *R-existência* baseia-se no conceito de fotonarrativa, que com uma única imagem, ou com uma série ou um conjunto de imagens, se baseia em contexto e narração para construir e desenvolver o seu discurso, captar a atenção do interlocutor e auxiliá-lo a imergir-se, de uma maneira direcionada, com a história e sua intenção. A fotógrafa Maria Short (2013) ressalta que:

“A palavra “narrativa” significa um relato falado ou escrito de eventos interligados, uma história que pode transmitir uma ideia. Quando se usa a fotografia para contar uma história ou transmitir uma ideia, podem-se empregar técnicas narrativas para construir e desenvolver o relato, prender a atenção do público e permitir que este se relacione de alguma forma com a história e sua intenção. Uma história pode ser contada por meio de fotografia tanto com uma única imagem individual quanto com uma série ou conjunto de imagens. Portanto, o contexto e a narrativa de uma foto podem atuar de várias maneiras para possibilitar uma comunicação visual efetiva.” (SHORT, p. 01, 2013).

A mídia escolhida pelo grupo para disponibilizar a fotografia foi um perfil no Instagram, um aplicativo para smartphones, onde os usuários podem tirar suas fotos, tratá-las e publicá-las instantaneamente para seus amigos. O aplicativo é gratuito e sua interface é bastante simples, tornando-o acessível no mundo todo.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Para que as histórias de vida se comuniquem com a história propriamente dita é importante construir a narrativa dos indivíduos, de seu espaço e de enxergá-los. Por isso procuramos tornar visível uma história que se tornou invisíveis para tanta gente que passa sem reparar e que passa e não é reparado. Buscamos dar voz, rosto e registrar o que não é registrado, o que está nas entrelinhas da imagem. Mostrar o outro, aproximá-lo e conferir poder à sua resistência, ou, como tentamos resumir em nosso produto, A vida é breve e rápida. Passam os amores, os amigos, os trabalhos, os sonhos e até a própria vida. É o inevitável fim. Enquanto vivemos, construímos as nossas histórias, nossas batalhas, nossos caminhos. Tudo e todos passam. Alguns ficam, outros não. Outros tão outros que nada significam, pelo menos para um grande mar de gente. Gente? Esses passam e não ficam, não têm sua história e narrativas registradas. É o não-estar, o dissipar, o diminuir até desaparecer. A missão? Resistir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGGS, A. e BURKE, P. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

SARAMAGO, J. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Editora GG, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. *A Corrida para o Século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.